

## Liberdade religiosa, caminho para a paz?

Adel Sidarus  
Évora (Portugal)  
asidarus@netvisao.pt

Será mesmo que os constrangimentos impostos à expressão livre, individual ou colectiva, da religião levam por si só aos conflitos e guerras que afligem grandes partes do nosso mundo presente? Será mesmo que é na liberdade religiosa que reside a essência da dignidade humana? E que, em consequência, a falta daquela indicia um desprezo pelo sentido e horizonte último de toda a pessoa ou dos seres humanos no seu conjunto? Uma recusa da transcendência, tão vital para o desenvolvimento pleno da humanidade e de toda a criação?

Vem isso a propósito da mensagem do papa Bento XVI para o XLIV Dia Mundial da Paz de 2011.<sup>1</sup> Sou de facto cristão egípcio (“copta”), e a minha comunidade religiosa está presentemente a sofrer grandes pressões, senão perseguições às vezes sangrentas, por parte de certos fundamentalistas muçulmanos. Ela e outras comunidades cristãs, espalhadas no grande Médio Oriente, com especial relevo para os cristãos do Iraque – como recorda o preâmbulo da mensagem... Pressões e perseguições que põem em risco a permanência destes grupos religiosos, tão antigos como o próprio cristianismo, nesta região que pode gabar-se de ser o berço das grandes religiões monoteístas e que, a pesar de tudo, tinha conseguido até há meio século uma certa convivência entre elas. Pois bem, confesso não ter encontrado, nesse texto pontifício, elementos de análise deste novo estado das coisas, nem ideias profundas para a solução do problema como tal. Globalmente falando, é certo que liberdade e paz têm ligações profundas. Que ambas fazem parte dos anseios de todo o humano.

---

<sup>1</sup> [http://www.vatican.va/holy\\_father/benedict\\_xvi/messages/peace/documents/hf\\_benxvi\\_mes\\_20101208\\_xliv-worldday-peace\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/messages/peace/documents/hf_benxvi_mes_20101208_xliv-worldday-peace_po.html)

Contudo, como é que cada uma se constrói e se alcança em sociedades concretas e no interrelacionamento entre povos e nações? Como é que ambas se conjugam no concreto? E qual é o contributo do cristianismo neste sentido? Na teoria e na praxis? No presente como ao longo da história?

A declaração papal não traz algo de novo sobre este conjunto de questões. Afirma coisas interessantes, avança com ideias positivas, mas tudo em termos abstractos, carentes de contextualização social e política. Tecidas fora das realidades concretas e dos dramas reais que marcam a vida dos povos: a fome; o desemprego; a falta de perspectiva de futuro para os jovens; o falhanço dos estados; as lutas e guerras étnicas; a concentração da riqueza e a ganância do capital, a ocupação estrangeira...

Também não faz a diferença entre posições dogmáticas perenes e surtos pontuais de xenofobia religiosa. Mistura, de resto, duas situações bem diferentes: por um lado, a intolerância em relação à alteridade religiosa em contexto religioso vincado, alienado ou não..., e, por outro, a limitação ou vedação do espaço público às manifestações ou símbolos religiosos em contexto “laico” ou hostil à religião como tal – um fenómeno algo insólito na história das civilizações, surgido apenas no quadro da modernidade ocidental de “raiz cristã” e em estados de regime comunista totalitário!

\* \* \*

Consideremos a situação actual no Médio Oriente, que conheço de perto e não apenas por causa das minhas origens: árabe cristão, sou estudioso da civilização islâmica e das religiões em geral, por profissão e por necessidade existencial.

Neste espaço que vai do Magreb até à Ásia central e o continente indo-pakistanês, da Turquia até ao sul da Península arábica, passando pelo Sudão e o Corno de África, predomina evidentemente o islão, a última das grandes religiões monoteístas. Ora na sua doutrina, há lugar para as duas religiões anteriores (o judaísmo e o cristianismo), mas também para algumas outras que se impuseram de acordo com as dinâmicas históricas

ou regionais, para algum tempo ou para sempre. As respectivas comunidades têm liberdade de culto e de legislação interna, mas com certas limitações e contrapartidas em relação à *umma*, a comunidade islâmica dominante, tornada maioritária com o tempo e o exercício do poder. É conhecido, ente outros, o contributo de não muçulmanos na elaboração da cultura e civilização islâmicas, em épocas antigas e modernas.

Contudo, esta convivência não foi constante nem sempre pacífica. Fanáticos e populistas houve-os sempre na história de todas as religiões! No caso em apreço, cada vez que a *umma* se sentia ameaçada, ou que um qualquer poder muçulmano local ou regional se queria afirmar ou legitimar, as “minorias” religiosas ou confessionais eram vexadas, discriminadas ou mesmo perseguidas. Hoje, os muçulmanos sentem-se dominados, colonizados, agredidos, excluídos, humilhados: dentro e fora dos seus países... Grandes partes das suas terras se encontram ocupadas por forças, para todo o efeito, cristãs. E não se trata apenas do Iraque ou do Afeganistão. Nos países do Golfo, incluindo a Arábia Saudita (lugar emblemático do islão!), haveria a maior concentração de forças americanas no mundo! Por acaso, todos lugares ricos em recursos energéticos de primeira ordem... E já não falo da implantação do estado racista sionista na terra da Palestina milenar, onde a aliança judaico-cristã (e judeo-americana em particular) permite a permanência do colonialismo europeu clássico, que se proclamou, em alto e bom som, como contrário aos “direitos dos povos”...

Não se deve pois estranhar todos os excessos dos radicais muçulmanos, que até fazem tremer os próprios estados muçulmanos. Em consequência, em muitos destes países, é a liberdade civil em geral que está amordaçada: política (laica ou religiosa), intelectual e a dos costumes – e não apenas a liberdade religiosa. A liberdade é pois sistémica!

O papa centrou-se nos desvaires que atingem os cristãos, quando na verdade eles atingem todos os grupos religiosos “minoritários” (cristãos, judeus, baha’is, ahmadis, mandeos, yezidis e outros), e, no que respeita ao Iraque, é toda a sociedade que se encontra atingida. De facto, na sequência da invasão ocidental liderada pelos americanos, o Estado como tal foi

destruído: instalou-se no país um clima geral de insegurança e de criminalidade, bem como uma guerra civil entre facções religiosas islâmicas (sunitas vs. xiitas) e grupos étnicos (árabes vs. curdos), com actos de “limpeza étnico-religiosa” (quem se lembra ainda da desagregação da antiga Jugoslávia?). Quase em simultâneo ao hediondo ataque à Igreja siro-católica de Bagdade no passado mês de Novembro, justamente lembrada na mensagem pontifical, bombas terroristas destruíam mesquitas xiitas...

Pode ser que os cristãos estejam mais atingidos, mas não esqueçamos que o país fora destruído e continua invadido precisamente por tropas “cristãs”! Por outro lado, no imaginário das pessoas, os cristãos do Iraque constituem um grupo étnico diferente: o resto dos assírios ou caldeus da famosa Mesopotâmia antiga. Ora, num país onde já não existe consciência nacional e sentido do bem comum, e que voltou a um certo “tribalismo guerreiro”, a pequena comunidade cristã dispersa por todo o país não chegou a cultivar o lado militar, nem sequer para se defender com armas e milícias. Fica necessariamente mais vulnerável às chantagens de toda a ordem bem como ao terrorismo ideológico.

Esta situação geral descreve-a o padre iraquiano Sameer Maroki, do convento dominicano de Erbil (extremo Norte do Iraque), entrevistado nas vésperas do Natal pela revista multilingue *Oasis*, publicada por uma instituição do patriarcado de Veneza (nº de 22/12/2010):

“Na verdade, há uma grande confusão. [...] Os ataques não são [apenas] contra nós. Os nossos irmãos muçulmanos são igualmente atacados. A violência se nota mais em relação a nós, por sermos minoritários [...] e de confissão diferente: há extremistas que querem esvaziar o país dos não muçulmanos. Contudo, há perigo para toda a gente. [...] Daí que penso que o Estado deveria tomar conta das coisas. Que os políticos deveriam dialogar para se estabelecer um estado de direito, onde cada um tem o seu lugar, o seu papel, a sua responsabilidade. [...] O que mais necessitamos é que os políticos, em vez de procurarem cada um o seu interesse [próprio e da sua comunidade], que procurem o interesse do país, o interesse da cidadania, do bem comum.”

Este grito não parece ter chegado em toda a sua amplitude aos ouvidos das altas autoridades católicas, pois que aquela contextualização está ausente no discurso do papa, assim como a empatia com o sofrimento dos outros. Centrados sobre si e contrariando o espírito da caridade evangélica, a mensagem cristã não pode chegar muito longe, além de ficar limitada quanto às perspectivas de análise das questões que se colocam em termos dramáticos. Em nome da honestidade intelectual e dos valores evangélicos, esse diagnóstico global, que não podia passar despercebido aos olhos dos “diplomatas” do Vaticano, exigia uma aproximação filosófico-política abrangente, para a qual não faltariam com certeza intelectuais ou acadêmicos cristãos. Até para alcançar a gente de “boa vontade” e a comunidade internacional que a declaração pontifical não podia deixar de ter na mira.

Haveria ainda muito que contar sobre o surgimento hodierno do fundamentalismo e radicalismo muçulmanos (e doutras religiões de hoje em dia, incluindo o cristianismo...), onde se afiguram grandes as responsabilidades americanas no processo. Também sobre a passagem, em muitos países dessas regiões, da luta meramente política e laica, internacionalmente solidária, para a luta religiosa fanática e sectária, indo até ao “terrorismo” (a arma dos pobres e oprimidos...). O importante, parece-me, é termos alertado para a complexidade da situação no Médio Oriente e as responsabilidades euro-americanas nisso em última análise. E que a xenofobia e as perseguições religiosas do momento se enquadram num estado geral de guerra e de crise acentuada, que importa identificar e contra ele se mobilizar. É a falta de paz que leva à falta de liberdades, incluindo a liberdade religiosa!

Considerandos que exigiam um esboço, pelo menos, de reflexão apropriada e de denúncias vigorosas em nome dos valores evangélicos e cuja falta sentimos no texto em apreço.

Uma das razões do desentendimento entre os humanos em geral e entre as religiões enquanto manifestações colectivas deles, e que o documento do Vaticano não ajudou a contrariar, reside no alerta lançado por Jesus-Cristo: “como é que podes ver a palhinha que está no olho do teu irmão, quando tens uma trave no teu próprio olho?” (*Mt 7, 3-5 e Lc 6, 41-42*). De facto, antes de repararmos nos defeitos e nas falhas dos outros, há que olhar bem para o que somos e fazemos! O contrário é hipocrisia, denuncia o próprio Jesus! Hipocrisia e diálogo de surdos e motivo para confrontos!

Costuma-se relacionar o islão com a violência, tanto hoje como ontem. Além de esta equação não corresponder à essência da religião islâmica, nem sequer a toda a sua história, no cristianismo histórico a coisa não é de todo melhor... Já vimos o tamanho de violência protagonizada por países cristãos nos últimos dois séculos (não esqueçamos ainda as guerras napoleónicas e as duas guerras mundiais!), causa imediata da reacção violenta de muçulmanos contemporâneos. E se recuarmos dois-três séculos atrás, encontraremos as guerras de religião, mas sobretudo a expansão europeia no mundo que não terá sido menos violenta, invocando sempre o nome de Deus e da religião cristã (católica mas também protestante): as conversões compulsivas; a expulsão de minorias étnico-religiosas; os genocídios dos povos ameríndios; o tráfico de escravos, etc. E a história medieval não é ainda mais inocente: fora das “cruzadas” médio-orientais (atingindo tanto territórios muçulmanos como bizantinos...), a situação de grupos judeus e muçulmanos bem como de “heréticos” era insustentável: guetoização, inquisição, autos de fé, expulsões...

De resto, ao contrário do Estado muçulmano, desde Constantino e Teodósio que não havia lugar para nenhuma outra religião ao lado do cristianismo tornado religião do Estado. O dito paganismo de então foi feroz e conseqüentemente apagado e os judeus escorraçados para fora de Jerusalém, quando não de toda Palestina. Já para não falar do desaparecimento do gnosticismo e do maniqueísmo e de outras escolas ou doutrinas cristãs concorrentes: os concílios convocados pelos imperadores asseguraram a uniformização da doutrina e até dos usos e costumes, ajudados pela força do gládio. Além de tudo o mais, foram estes concílios a

causa das divisões trágicas no panorama religioso cristão, com especial relevo, precisamente, para o Médio Oriente, como justamente lamentado no Sínodo dos Bispos do Médio Oriente, reunido em Roma em Outubro do ano transacto.

Se as equivalências preconizadas pela mensagem pontifical eram tão óbvias, pasma-se que a posição milenar da Igreja tenha sido tão contrária. Daí que se esperava um texto mais analítico e profundo, recorrendo eventualmente às recentes tentativas “inclusivas”, elaboradas por alguns teólogos infelizmente afastados pela Sacra Congregação pela Doutrina da Fé..., recorrendo sobretudo à história e filosofia das religiões. Ou pelo menos o reconhecimento, com humildade, dos erros da teoria e praxis cristãs, em geral, e da Igreja católico-romana, em particular. A falta dessas duas premissas tirou toda a força aos valores que Benedito XVI pretende agora propor às outras religiões e à comunidade internacional no seu conjunto.

*Évora, 15 de Janeiro de 2011*

Recibido / Received: 16/01/2011  
Informado / Reported: 26/01/2011  
Acceptado / Accepted: 01/03/2011